

NOS@EUROPE

O Desafio da Recuperação Económica e Financeira

Prova de Texto

Marafados

Escola Secundária Manuel Teixeira Gomes

João Duarte

Carlos Chaves

Artur Dionísio

Nicole Santos

Dezembro de 2011

1 Elogio do Capitalismo

Este meu elogio dirijo-o àqueles que, durante anos e anos, lucraram com os meus ensinamentos e deturpam os meus princípios. Dedico-o àqueles que me veneraram e que, perante os males que os afligem, não hesitam em me apontar o dedo acusador! Virem esse mesmo dedo e busquem a génese da crise no vosso quotidiano!

Começo por me dirigir aos teólogos da ciência económica e financeira, peritos em proteziar o fogo sem cheirar o fumo! Verdadeiros oráculos, serviram de suporte teórico a um sistema perverso, mas cujo cataclismo parecia inconcebível. A aparência de solidez dos pilares do modelo económico fê-los esquecer que estes assentavam sobre areias movediças. E com isso dislumbaram toda uma sociedade, que na sua demanda pela felicidade, deixou-se cegar!

Os Mercados, rosto ausente de monarcas absolutos, alimentam-se de uma irracional espelucção, servindo-se dos seus mais fiéis vassallos para fazer valer o seu poder. Com o lema de que os fins justificam os meios, a ética nos negócios foi desvalorizada e subvertida. As agências de rating avaliam tudo o que é alvo de especulação, subindo e descendo cotações. Os seus relatórios, verdadeiros evangelhos das Bolsas, alimentam negócios nem sempre transparentes. E aqui se transaccionam títulos de bancos e empresas, cujas fragilidades e potencialidades ficam então expostas. E até mesmo Estados soberanos!

O cidadão comum, base desta pirâmide de interesses, assume a sua irracionalidade. Olhem para aquela família que, peregrinando entre os templos de consumo, leva o carrinho cheio de compras. Perguntem-lhe se tudo o que levam é essencial e constatarão que a felicidade se tornou descartável com o apego ao acessório. Olhem para aquele jovem casal que vai de férias para um país tropical. Perguntem-lhe se o seu salário é compatível com tal aquisição e constatarão que o endividamento é a solução de muitos problemas. Crédito para a casa, crédito para o carro, crédito para as férias, crédito para as compras... Em seguida indaguem se apostam na poupança e constatarão que esse é um costume velho e desinteressante, verdadeiro obstáculo à ilusão de felicidade, praticado nos tempos em que se guardava dinheiro no colchão!

E quando tudo corre mal? Alguém se sentirá responsável?

A Banca, indústria de crédito, viu os seus lucros crescer com a venda do dinheiro. Dinheiro vendido a baixo preço nos Estados Unidos da América, a nação que mais ferverosamente me abraçou e defendeu, e que permitiu aos cidadãos um nível de vida fictício. Não se lembraram que teriam que, mais cedo ou mais tarde, pagar o que pediram, acrescido de juros! E, com a corda ao pescoço, entregam aos bancos tudo o que têm... Estas instituições tornam-se assim donas de casas que não encontram comprador, nem mesmo baixando os preços! A ameaça da falência tornou-se real e os «activos tóxicos» titularizados um reactor nuclear que deixou de funcionar! A economia mundial, um laço singular que une os mercados, abrandou. A União Europeia, composta por países com um grandioso passado e orgulhosos dos seus feitos, foi contaminada. O velho continente, embriagado pelas toxinas americanas e refém dos egoísmos nacionais, encaminha-se para o marasmo. Muitos dos estados soberanos, cuja obesidade se tornou mórbida pelo despesismo descontrolado, ficam inertes quando chamados para regular e fiscalizar o sector financeiro. As empresas, fugindo dos solos estáticos do Ocidente, refugiam-se no paraíso oferecido pelas economias emergentes.

O Ocidente tornou-se um deserto e o crescimento uma miragem. Os bancos, oásis de água potável, secaram. As empresas, palmeiras que proliferaram à sua sombra, morreram de sede. As famílias, ruminantes domesticados, diambulam em busca de um dono que lhes dê orientações.

E quando os principais mercados deram os primeiros espirros, os países vulneráveis ficaram logo engripados na cama. Isto porque não ousaram atacar os seus problemas estruturais com realismo e seriedade, expondo-se aos efeitos negativos desta crise.

Atentem no caso de Portugal! Outrora foi considerado o bom aluno da Europa! Com legitimidade questiono se não terá sido antes o aluno que progrediu devido às cábulas? Por tempos esqueceu-se do atraso estrutural face a parte significativa dos países europeus e muitos ostentaram o nível de vida inoportável. Os sinais da crise eram evidentes na última década, traduzidos num abrandamento da economia. O Estado, entidade dinâmica na história do país, foi contagiado pela crise internacional. As agências de rating, verdadeiros vampiros, não hesitaram em lançar-se a uma vítima fragilizada e, com as suas avaliações, fizeram disparar os juros da dívida

soberana, criando dificuldades de financiamento externo. O défice disparou. O Estado, aquela mãe que amamenta os seus filhos, viu faltar-lhe o leite para a criança que lhe deixaram à porta. E assim teve que socorrer a um banco privado que durante anos falsificou os seus dados ao Banco de Portugal. Esta nacionalização foi um «sumidouro» de dinheiros públicos. E daí ao acentuar da austeridade foi um pequeno passo, precipitando o pedido de ajuda externa! O Estado, obeso e com problemas de saúde, inscreveu-se numa clínica de emagrecimento, a Troika, e tem que emagrecer! A palavra «cortes» entrou no léxico do português. E estes fazem-se sentir em áreas de enorme sensibilidade, como a saúde, ou que são a chave para o futuro do país, como a educação!

Todos sabem que Portugal foi um país abençoado pelo clima e que por isso é procurado por muitos europeus. O turismo revelou-se um motor da economia, tendo mesmo regiões que dele dependem, como é o caso do Algarve. A austeridade ameaça o futuro da região! O aumento de impostos, sob a forma de portagens na A22, aumento do IVA na restauração... ameaçam fazer disparar o desemprego, que já de si tem vindo a crescer nos últimos anos. Muitos protestam contra a asfixia financeira que se anuncia. A fome paira sobre certos sectores da sociedade. Facto notório entre os alunos de todos os graus de ensino! Muitos viram ser reduzidos os apoios de que beneficiavam as famílias, que por sua vez se confrontam com novos problemas! Cada vez mais a emigração é uma realidade, perante o sentimento de abandono por parte do país e da sociedade. Que impacto terá esta fuga de cérebros no futuro do país outros dirão! A mim não me compete profetizar, mas observar o concreto!

Mas a essência da minha teoria é o equilíbrio! E na crise que vivem, eu vejo a hipótese de um recomeço. Olhai para o transporte público e bicicleta como alternativa ao transporte particular! Olhai para os exemplos de várias autarquias, como Lagos, que concedem talhões de terra para as famílias cultivarem! Afinal porque desprestigiaram a agricultura, a actividade mais essencial para a vossa sobrevivência? Reflecti no que consumis! Valorizai o que tendes e não vos deixeis cair em tentações fúteis que só vos prejudicam a vós e à Natureza! Poupai para preparar o vosso futuro! E, se possível, sê solidários para com aqueles que necessitam e desteis provas disso recentemente, com a recolha de bens alimentares!

Pensem todos nisto e ponderem quem são os culpados da crise!

2 Referências

Para este trabalho inspiramo-nos em *O Elogio da Loucura* de Erasmo de Roterdão e nos artigos que seleccionámos para a nossa página no facebook:

www.facebook.com/pages/Marafados-na-Europa/289862767715031

3 Declaração de compromisso de honra

Os membros da equipa Marafados declaram que este é um trabalho original e inédito, desenvolvido por eles com o fim de participarem na Prova de Texto do Concurso NOS@EUROPE.